

JOSÉ DE ALENCAR, POETA

MANOEL ALBANO AMORA

Escritores existem, filhos talvez de Minerva ou de Apolo, para os quais manejar a pena é tarefa tão fácil quanto dedilhar a lira. São expoentes de uma classe superior de homens iluminados pelo sol da inteligência.

Cada verdadeiro artista é senhor do seu ofício, nêlo operando os milagres de um semideus. Os gênios múltiplos são raros. Um Miguel Ângelo constitui exceção quase sobrenatural na história das belas-artes.

Entre nós, no domínio das letras, Machado de Assis, romancista, contista, cronista, teatrólogo e poeta, pode ser considerado um caso quase único e difícil de repetir-se. Não será exagerada a afirmativa de que, ilustre na prosa, não menos o foi êle na poesia, de que são perenes atestados, dentre outros, o sonêto “À Carolina” e o intitulado “Círculo Vicioso”.

José de Alencar, outro celebrado escritor, cantor imortal da terra cearense nas páginas de *Iraçema*, o romance que é na opinião de Afrânio Peixoto uma nova *Eneida*, destinado a cantar as origens brasileiras, foi também poeta. O livro da **LENDA CEARENSE** e *O Guarani* são verdadeiros poemas em prosa. Mas, ao lado dessa atitude consistente em poetizar o

assunto e a forma em várias de suas produções, o grande filho do Ceará também escreveu versos. Não os fez tão bem como o romancista de *D. Casmurro*, embora haja sido algo exagerado o crítico que afirmou ser êle magnífico poeta em prosa e de flagrante prosaísmo em suas poesias.

Quando Alencar viveu e brilhou no cenário intelectual do Brasil, dominava a escola romântica, acusada depois pelos realistas de exagerada e deturpada. O clima espiritual era, então, de sonho e fantasia. O escritor nascido no agreste Alagadiço Nôvo construiu a sua obra segundo as normas e modelos da época.

Na vida, foi homem de sociedade. Nos primeiros tempos, solteiro ainda, era um tímido freqüentador dos salões mais afamados da Côrte, onde se deixou prender pela aparência de uma beleza esquiva que ao fulgor do gênio preferiu o brilho do ouro. Casado depois com uma dama de nobre família e rara distinção, aos carinhos da espôsa logo se juntou o amor dos filhos. O doce lar, situado na paradisíaca Tijuca, onde Lorde Cochrane outrora havia recordado as suas aventuras de Lôbo do Mar, talvez houvesse revelado o caráter de um solitário, como foi depois considerado o romancista por alguns críticos.

Wanderley Pinho, em seu formoso livro *Salões e Damas do Segundo Reinado*, conta o namôro desventurado de José de Alencar com uma aristocrática senhorinha, que, ainda assim, proferiu um rico lusitano. Refere êle que, quando da partida da jovem para longa viagem pela Europa, o romancista, que também era dos primeiros nas lides jornalísticas da metrópole, escreveu saudosa crônica. Celebrado o casamento com o fidalgo, o homem de talento, magoado, vingou-se da ingrata em *Diva e Senhora*, tipos criados intencionalmente para a sua desfôrta. Também em versos procurou exercer a sua represália, versos êsses conservados inéditos e só publicados pela Revista Ilustrada, em 1881, quando a pátria já perdera um dos seus maiores vultos.

O cronista da sociedade elegante do tempo de D. Pedro II transcreve, em comentários de sua lavra, um poemeto

insultante e vingativo escrito por Alencar em face do desprezo recebido:

“Figura um par que entra na sala de baile, quando, subitamente, um cavalheiro arranca a bela do braço do noivo e parte a valsar:

*E a arrebatada na valsa que fascina.
Delira o pé gentil; erguida a fimbria,
Da perna ostenta a carnação divina.*

.....

*O ritornello festivo
Na sala a música solta:
E o par no abraço lascivo
Gira, passa, foge e volta.*

O noivo brada então escárnios de ódio:

.....
*Hoje se entrega em doida valsa a dama
Ao cavalheiro, e dêste àquele passa,
Tateia a mão profana o puro talhe,
Como se amolda um corpo em gesso ou massa.*

.....

.....
*Mas sedutora a valsa é no abandono
Do cansaço que os frouxos membros prostra.*

*Vêde! As côres ascendem: arfa o seio,
O lábio freme ao hálito ofegante.
Mole a fronte reclinada: os olhos languem.
Nerva o desejo o corpo palpitante.*

*Nunca viste render-se a castidade
Soluçando num beijo o amor extremo?
Não, não viste. O mistério puro e santo
Foge o raio da luz; de ver-se teme.*

*Pois o baile o desvenda! Ei-la sem pejo.
Da turba aos olhos ávidos se oferece.
Ceva-se a vista ardente nos contornos
Do talhe que em requebros transparece.*

*Cobrem rendas e sêdas as formas tépidas?
Velam sombras também o branco leito.
O que aos olhos se oculta sente o tato
Dos corpos que aconchega o enlace estreito.*

Finda a valsa, a dama procura o noivo. Não o vê; ouve-lhe:

*Eras luz, ficaste em treva,
Inda botão já murchaste,
Sêca flor que o vento leva,
No pó, no lôdo roçaste.*

E afinal o poeta narra:

*Casou coa môça um rico pretendente;
Tem do homem a figura; a alma no bôlso
Carece de mulher que represente.*

*Dizem que são felizes, acredito,
Joga êle o voltarete, a mulher dança,
De primeira valsista ganhou fama,
Estrompa sete pares e não cansa,*

*A vinte namorados corresponde,
Lembrança do passado não lhe pesa;
Mas costume ou vaidade inda persegue
O seu antigo amante que a despreza.*

O convívio com as beldades da época, formosas como aquela Aurélia, “estrêla do céu fluminense” de um dos seus romances, havia de inevitavelmente fazer bater com mais força o coração do grande homem, nos seus anos mais felizes de rapaz. Não foi a mulher bonita e interesseira, incapaz de compreender e admirar o talento, a única a passar na sua vida. Ele, aliás, parece ter tido vários amôres ou, pelo menos, inúmeras paixões, dessas que assaltam os moços e que às vêzes os tornam poetas. Um publicista esquecido, escrevendo de Beaumont-sur-Blonay, disse haver extraído de velho caderno uma linda poesia de José de Alencar, certamente inspirado por outra musa e onde a alma de um sonhado transparece:

A . . .

*Ainda és bela! De teu lábio altivo
Desfolha amor um lúbrico sorriso,
Os grandes olhos negros que fascinam
Prometem num volver o paraíso!*

*Mas que importa! Para mim és fria estátua
Legenda triste de infeliz passado,
Ou a sombra erradia de minha alma
Extinta por um dia haver-te amado.*

*Pode a teus pés curvar-se o mundo inteiro,
Podem os homens render-te vassalagem,
Que eu contemplo de longe e sobranceiro
De uma mulher que amei a fria imagem.*

*Talvez um dia quando já não restem
Nem vestígios dêste santo amor,
Eu venha como os outros já sem crença
Revelar-te os mistérios de uma dor!”*

O homem depois se completava, encontrando a companheira que Deus lhe reservara e de que naturalmente tanto carecia. Um feliz casal era visto, certa vez, em um baile da

Sociedade do Cassino Fluminense. “Ele alegre conduzindo pelo braço sua jovem espôsa; ambos felizes e risonhos como dous moços que começavam a vida conjugal, com perspectivas de brilhante futuro.” D. Georgiana, a formosa filha do Dr. Ignácio Wallace da Gama Cochrane, daria a José de Alencar tudo que ainda lhe faltava, apesar do renome conquistado como escritor.

A companhia da espôsa bonita e de nobres sentimentos não confirmava o adágio de que “quem ama esquece”. A lembrança dos verdes tabuleiros de Messejana e de outras paisagens encontradas no caminho do Ceará à Bahia, que percorrera quando criança, fizera do romancista um apaixonado da natureza. Acompanhado de quatro criaturinhas inocentes e risonhas, êle, depois que conhecera as alegrias da paternidade, costumava passear nas vizinhanças da chácara onde morava. Depois de um dêsses passeios, realizados à tarde com um sol em declínio, a sua lira vibrou, movida pela alma enfeitçada que a tangia:

*Florzinha azul, minha irmã,
Ouve o que eu te peço, — sim?
Se ela passar amanhã,
Faz que se lembre de mim.*

*Se o pèzinho lindo e breve,
Roçando pelo capim,
Tocar-te, beija-o de leve,
Pra que se lembre de mim.*

*Eu parto, te deixo aqui:
Vive, brilha sempre assim;
Quando ela te olhar, sorri,
Talvez se lembre de mim.*

*Mas tudo deve acabar,
Tudo no mundo tem fim,
Talvez quando eu voltar,
Já nem se lembre de mim.*

As preocupações da família, aliadas às da literatura, da política, da advocacia e do jornalismo, também não privaram Alencar dos serões de arte, onde a parte mais representativa da sociedade encontrava agradáveis momentos.

Francisco Otaviano, o admirável poeta, conseguiu tirar do olvido, publicando-os no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, os versos simples e belos que o autor de *Minas de Prata* escreveu depois de ouvir a festejada cantora italiana Lagrange:

*Tôda harmonia sublime
Tem uma tecla, uma fibra,
Uma linguagem que a exprime,
Corda suave que vibra.*

*Canta o poeta na lira,
Na praia a vaga suspira,
Gemendo soluça o vento
Dos mares na solidão;
Mas a ti por instrumento
Deu-te Deus o coração.*

*Nessa harpa do sentimento
Tôdas as notas são hinos,
Transforma-se o pensamento
Em mil poemas divinos.*

*E quando essa alma celeste
Formas do gênio reveste,
Há no canto um drama vivo,
Cada som cria uma idéia,
E com teu gesto incisivo
Escreves uma epopéia.*

É uma poesia sentimental que, contudo, apresenta graciosas imagens, como prova de que seu autor, ouvindo a prima-dona, experimentou o convívio momentâneo de alguns deuses errantes da beleza.

Mas não só êsse lirismo havia de preocupá-lo. O sentido da sua arte era mais amplo. O indianista, que na opinião geral dera o grito de independência de uma literatura, pretendia também opinar sôbre os aborígenes e a poesia épica. Criticando a obra de Gonçalves de Magalhães, nas “Cartas Sôbre a Confederação dos Tamoios”, prometeu oferecer um modelo de poesia indígena. Começou a escrever então “Os Filhos de Tupã”, poema heróico, que teve o defeito de não haver sido escrito em uma época caracterizada por grandes epopéias, como sôbre o trabalho de Magalhães também se expressou Alexandre Herculano em missiva dirigida a D. Pedro II. Pretendia mandar imprimir e distribuir com os amigos, quando foi colhido pela morte.

O poema inacabado dá idéia do que seria o todo concebido, em gloriosos instantes de inspiração, por aquêlo talento de escol:

OS FILHOS DE TUPÃ

I

*Ao deserto, minh'alma! Sôbre os píncaros
Da branca penedia, e enquanto o vento
Nos antros da montanha ulula e brame,
Solte a rude pocema o canto fero
Dos filhos de Tupã. E ruja a inúbia
Troando pela várzea os sons bravios.*

II

*Salve, Amazonas! Rei dos reis das águas,
Iumú dos rios, filhos do dilúvio!
Mar, que do bôjo golfas tantos mares,
Fonte do abismo que sorveu a América,
E mais tarde, — quem sabe? — há de sumi-la.
Salve, Amazonas! Como o sol és único,
Gigante, que o maior dos oceanos*

*Gerou nos flancos da maior montanha!
Monstro vorace, o mundo tragarias
Se Deus, te sofrendo a fúria indômita,
Não curvara em princípio o vasto Atlântico,
E só para contar-te a imensidade.*

*Ês origem do líquido elemento
Que circunda o universo? Es tu que pejas
Do pélagos sem fim as profundezas,
Onde matam a sede o céu e a terra?
Ês pai das ondas, ou tirano delas?*

*Colosso ingente, que fundiu em águas
O verbo de um artista onipotente,
A cabeça reclinava sobre os Andes
Ao céu rasgando as largas cataratas;
O dorso enorme ressupino estendes
Pela terra que verga com teu pêso;
Os mil braços, que alongas pelas serras,
Abrangem tanto espaço que outros mundos
Coubem ainda neste mundo nôvo,
Feito para teu berço. Com desprezo
Aos pés o colo esmagas do oceano,
Que mugindo se roja pelas praias;
Mas prostrado e vencido, não vassalo,
O mar soberano às vêzes se revolta.
Alçada a frente, a juba desgrenhada,
S'eriça e raia e ruge e ronca e troa;
E a longa, imensa cauda destorcendo,
Te enlaça o corpo no impotente esforço.”*

Em *Como e Porque Sou Romancista*, José de Alencar disse haver escrito versos quando começou a preocupar-se com as letras. Muitos foram, aliás, louvados pelo seu amigo

Joaquim Sombra, herói do movimento sedicioso do Exu, a quem, anos decorridos, havia êle de nomear coronel.

As revistas e almanaques antigos certamente guardam algumas outras produções metrificadas de sua lavra, como uma singela “Ave-Maria”, hoje quase esquecida:

A V E - M A R I A

*Ave, Maria,
cheia de graça!
Em cada dia
que vem, que passa,
minh'alma implora
a vós, Senhora!
Convosco está
sempre o Senhor,
que o pão nos dá
por vosso amor.
Nossa alegria
vós sois, Maria!
Bendito é o fruto
do vosso ventre.
Na terra eu luto;
mas dá que eu entre
com vossa guia
no céu, Maria!
Amém, Jesus,
em vós gerado,
morto na cruz,
quando o pecado
em vós remia,
por vós, Maria!*

Qualquer, porém, que seja o valor de todos os seus versos, êles deixam crer que não houve da parte de Alencar a preocupação de ser poeta, mas sòmente a de aproveitar mo-

mentos de inspiração, salvo no caso do poema épico, equivalente a uma lição dada aos pretendentes ao indianismo.

Depois do “Cenário” onde se desenrola a história de Ceci e Peri e da página eterna dos “Verdes Mares Bravios”... tais versos devem aparecer como simples diversões de espírito, devidas ao homem genial a quem o trato constante com os Códigos e os Decretos não teve fôrça para impedir a criação de uma original obra literária de que tanto se deve orgulhar o Brasil.